



UNICAMP



Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial

Relatório

de

Acompanhamento Setorial

MADEIRA E MÓVEIS

Junho 2009





RELATÓRIO DE ACOMPANHAMENTO SETORIAL

MADEIRA E MÓVEIS

Volume III

Equipe:

Célio Hiratuka

Samantha Cunha

Pesquisadores e bolsistas do NEIT/IE/UNICAMP

Rogério Dias de Araújo (ABDI)

Carlos Henrique Mello (ABDI)

Jorge Boeira (ABDI)

Junho de 2009

Esta publicação é um trabalho em parceria desenvolvido pela Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial – ABDI e o Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp

SUMÁRIO

I. Introdução.....	1
II. Indústria Brasileira de Móveis: Desempenho Recente	3
II.1. Produção Física.....	3
II.2 Emprego e Renda.....	5
II.3. Comércio Exterior.....	6
III – Considerações Finais.....	7
Referências Bibliográficas.....	9

I. Introdução

O segundo relatório setorial da indústria moveleira (Hiratuka, 2008) abordou o desempenho recente do setor, tanto em termos do setor externo, destacando os principais países que participam do comércio internacional nesse mercado, como da indústria brasileira de móveis, em suas várias dimensões: produção física e emprego, comércio exterior e os impactos nos principais pólos produtores, compreendendo dados até o último trimestre de 2008.

Na análise do comércio internacional, destacou-se a liderança da China entre os países exportadores no setor de móveis, com um *market-share* que evoluiu de 6,3% em 2000 (Ferreira & Gorayeb, 2008) para 19,6% em 2007, deslocando as exportações de países desenvolvidos que tradicionalmente lideravam a produção e exportação no setor. Comparando com a evolução do comércio mundial de móveis, este apresentou um crescimento de 100,5% no mesmo período, demonstrando o dinamismo do setor.

Outros países em desenvolvimento que apareceram entre os 10 maiores exportadores foram a Polônia e a Malásia, permitindo inferir que a ampliação da participação desses países nos fluxos de comércio externo está relacionada à sua vantagem comparativa com base nos baixos custos do fator trabalho, considerando que a cadeia produtiva de móveis, assim como outros setores, possuem etapas intensivas em trabalho.

Em relação ao desempenho exportador brasileiro no setor de móveis, em comparação com a evolução recente do comércio internacional, o Brasil apresentou um *market-share* de 0,9% em 2007, caindo em relação a 2006, apontando que o país possui dificuldades competitivas, já que não conseguiu acompanhar a evolução positiva da demanda mundial.

Passando às principais conclusões que envolvem o desempenho recente da indústria brasileira, no que se refere à produção física e o emprego, foi apontada a evolução positiva em termos da produção física, superando os resultados da indústria de transformação até meados de 2007, seguindo uma trajetória ascendente até o último trimestre de 2008, quando os efeitos da crise financeira internacional provocaram uma reversão no desempenho positivo do setor, com uma perda de 16% comparando 2008 com o mesmo período em 2007. É evidente que a geração de emprego também foi negativamente afetada pela crise, sobretudo, no último trimestre de 2008. Apesar do resultado líquido positivo na geração de postos de trabalho, houve uma redução do salário médio em torno de 4%.

No que se refere ao comércio exterior brasileiro, como era de se esperar, a evolução tímida das exportações (com destaque para a ligeira queda observada em 2008) implicou em uma trajetória descendente do saldo comercial brasileiro, dada a aceleração das importações no setor de móveis, influenciada pelo câmbio valorizado observado no período. Considerando os principais mercados de destino das exportações, pode-se dizer que no período de 2007-2008, a queda observada nas exportações de móveis foi “puxada” pela redução da participação dos países desenvolvidos, contrastada com a evolução positiva observada para o comércio com os países em desenvolvimento (Argentina, Angola, Chile e Venezuela). Em relação aos países de origem das importações, os resultados convergem à análise precedente sobre a dinâmica do comércio internacional no setor, com destaque para o desempenho positivo da China e Hungria superior aos resultados observados para os países desenvolvidos, como EUA, Itália e Alemanha.

Por fim, em relação ao desempenho dos pólos moveleiros no Brasil em termos da geração de empregos formais, destaca-se do lado dos pólos com pior desempenho, o de São Bento do Sul, cuja produção é principalmente destinada ao mercado externo. Isso explica o resultado ruim observado para o Brasil no ano de 2008 em relação ao comércio exterior,

considerando a importância do estado de Santa Catarina nas exportações brasileiras de móveis. Do lado dos pólos que tiveram um melhor desempenho, destacaram-se Ubá e Bento Gonçalves, cuja produção está voltada principalmente para o mercado interno.

Este terceiro relatório setorial é uma continuidade da análise do desempenho recente da indústria brasileira no setor de móveis, preocupando-se, sobretudo, em mensurar os efeitos da crise internacional no primeiro trimestre de 2009 em comparação aos períodos precedentes, e apontar as possibilidades de recuperação do setor.

II. Indústria Brasileira de Móveis: Desempenho Recente

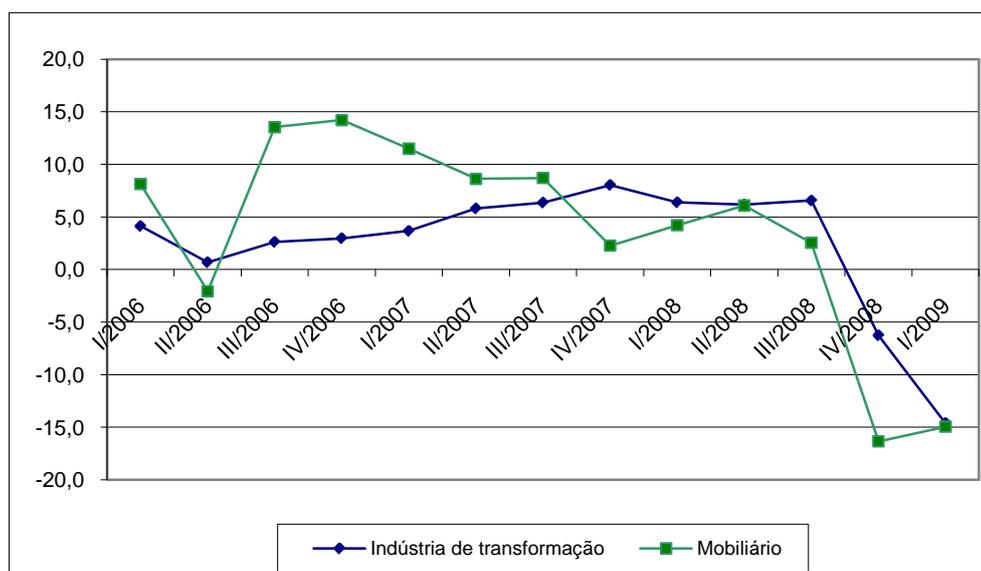
II.1. Produção Física

Os dados do primeiro trimestre de 2009 indicam uma ligeira recuperação do setor de móveis, após queda significativa no último trimestre de 2008, quando a crise financeira internacional levou a uma redução da produção física da ordem de 16% em relação ao mesmo período de 2007.

Essa redução das perdas observadas no 1º trimestre de 2009 deve ser atribuída a um crescimento de 4,5% na produção física do setor de móveis, quando comparado ao trimestre imediatamente anterior, mas os patamares são muito baixos em relação ao observado nos trimestres anteriores à crise. Já o quadro geral da indústria de transformação permanece ruim, com uma queda da produção física de 7,5%.

Apesar da ligeira recuperação observada, é preciso salientar que a produção física do setor de móveis neste 1º trimestre foi 15% inferior ao mesmo período de 2008. E a indústria de transformação seguiu em queda, ampliando suas perdas e atingindo uma taxa acumulada de 14,6%, apontando para um agravamento dos efeitos da crise em outros setores da indústria.

Gráfico 1 – Indústria de Transformação e do Mobiliário: crescimento da produção física em relação ao mesmo trimestre do ano anterior. Em %.

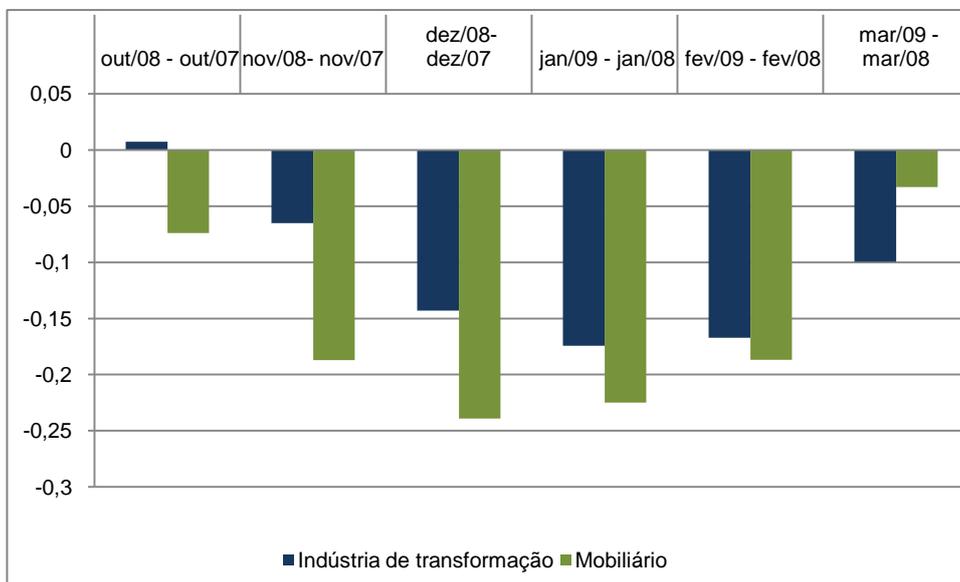


Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da PIA

Para evidenciar os efeitos pós-crise, o gráfico 2 apresenta uma comparação mensal desde o último trimestre de 2008 em relação à igual período do ano anterior. O mês de dezembro de 2008 parece ter sido o pior no período selecionado, quando houve uma redução da produção física de 23,9%. A partir de janeiro/2009, as quedas observadas são menos acentuadas, atingindo 3,3% em março/2009, quando seu desempenho é superior ao total da indústria.

Considerando os meses de outubro/2008 até março/09, as perdas acumuladas atingiram 15,7% no caso da indústria de móveis e 10,3% no caso da indústria de transformação.

Gráfico 2 – Indústria de Transformação e do Mobiliário no período Pós - Crise: crescimento da produção física em relação ao mesmo período do ano anterior. Em %.



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da PIA

A pequena mudança observada na trajetória de queda da produção nos primeiros meses de 2009 sugere uma melhora nas expectativas do setor em relação às vendas, após o crescimento observado no volume de vendas do varejo em janeiro/09 (IBGE, Pesquisa Mensal de Comércio). Representantes do setor pedem a redução do Imposto sobre Produto Industrializado (IPI), benefício já concedido provisoriamente pelo governo para outros setores, como a construção civil e produtos de linha branca, esperando que a medida leve à recuperação sólida das vendas, ao tornar os preços mais competitivos.

Pode-se dizer que as retrações observadas no final de 2008 são explicadas, sobretudo, pelas restrições de crédito na economia, afetando tanto o consumo quanto o financiamento do capital de giro no setor. Além disso, os resultados observados no início de 2009, ainda são insuficientes para representar uma recuperação concreta do setor. Vale destacar que o setor de móveis envolve produtos com um valor unitário maior do que produtos de vestuários, calçados e cosméticos, ficando portanto, mais sujeita à variação das condições de crédito e das expectativas dos consumidores em relação ao futuro. A próxima sessão traz os resultados sobre a geração de emprego e renda do setor de móveis neste início de ano..

II.2 Emprego e Renda

Segundo dados da tabela 1, o primeiro trimestre de 2009 permanece com um saldo negativo quanto às admissões e desligamentos observados no setor de móveis, com uma participação no resultado da indústria de transformação de 2,2%. Apesar de o número de desligamentos continuar elevado, pode-se dizer que não houve uma piora dos efeitos da crise em termos do emprego e da renda neste início de ano.

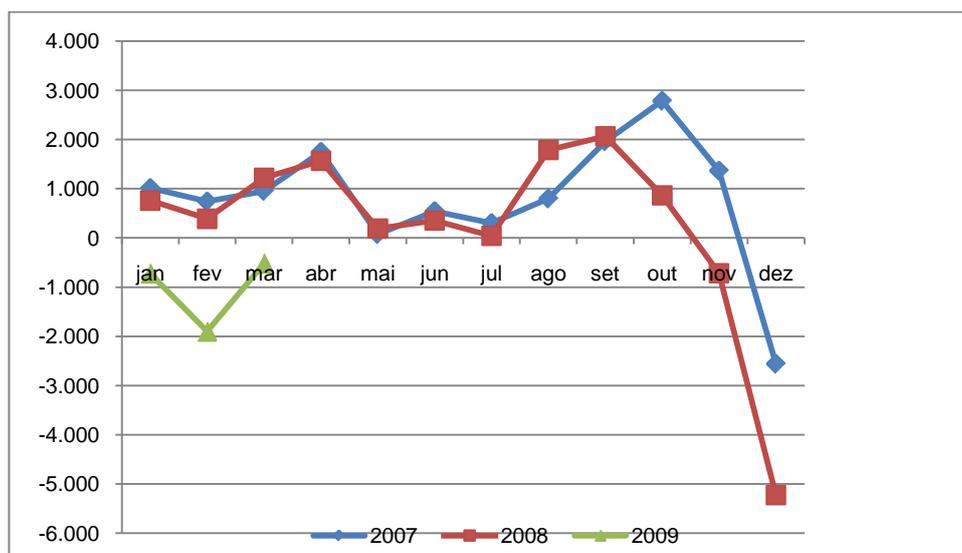
Tabela 1 – Indústria de Transformação e Indústria Moveleira: geração líquida de empregos formais. Primeiro trimestre de 2007 a primeiro trimestre de 2009.

Período	A -Industria Transformação	B- Mobiliário	B/A
I. 2007	104.725	2.701	2,6%
II. 2007	183.189	2.363	1,3%
III. 2007	172.817	3.058	1,8%
IV. 2007	-88.227	1.587	-1,8%
2007	372.504	9.709	2,6%
I. 2008	149.712	2.368	1,6%
II. 2008	161.371	2.111	1,3%
III. 2008	188.781	3.894	2,1%
IV. 2008	-344.709	-5.078	1,5%
2008	155.155	3.295	2,1%
I. 2009	-145.924	-3.142	2,2%

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados do CAGED

O gráfico 3 permite visualizar melhor a evolução do resultado líquido de criação de vagas neste 1º trimestre de 2009. Como era de se esperar, o movimento de interrupção na piora dos indicadores de produção física mostrado na análise precedente, foi acompanhado por uma reversão do movimento de destruição de postos de trabalho. Além disso, confirma-se o fato de que o último trimestre de 2008 foi o período em que ocorreram os piores ajustes no setor diante da crise. Em janeiro/2009, a destruição de empregos foi muito menor do que o observado em dezembro e, apesar de um resultado pior em fevereiro, no mês de março esse saldo é ainda menor. Porém, é possível perceber também que ao contrário dos anos de 2007 e 2008, o saldo líquido de contratações continuou negativo nos três primeiros meses de 2009.

Gráfico 3 – Criação de vagas formais no setor de móveis. 2007 – 1º trimestre de 2009.



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados do CAGED

II.3. Comércio Exterior

Os dados de comércio exterior são apresentados trimestralmente na tabela a seguir, atualizados até o 1º trimestre de 2009. Como é possível perceber pela comparação feita entre o 1º trimestre de 2009 contra igual período em 2008, houve uma redução tanto das exportações quanto das importações (30% e 22%, respectivamente). Os produtores de móveis brasileiros que atendem principalmente o mercado externo parecem ter sido mais fortemente afetados pela crise, uma vez que os Estados Unidos são o maior mercado importador dos produtos brasileiros e o epicentro da crise.

Observando a evolução do comércio externo trimestralmente, é possível notar que os efeitos da crise no comércio se dão com certo atraso em relação ao observado para a produção real, pois apesar da queda no último trimestre de 2008, os valores registrados ainda são superiores ao primeiro trimestre do mesmo ano, além disso, a queda mais acentuada se dá no 1º trimestre de 2009 (uma redução de 35% no caso das exportações e 26% no caso das importações).

Tabela 2 – Comércio exterior da indústria moveleira, I.2008 a I.2009. Em US\$ milhões.

	I.2008	II.2008	III.2008	IV.2008	Total 2008	I.2009	Varição I.2008 / I.2009 (%)
Exportação	219,8	250,3	280,6	237,2	987,9	153,9	-30,0
Importação	99,1	107,2	130,8	103,9	440,9	76,9	-22,4
Saldo	120,7	143,1	149,8	133,3	547,0	77,0	-36,3

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da Secex

Tabela 3 – Exportações de móveis para os principais mercados em I.2008 e I.2009. Em US\$ mil e %.

Ranking	País	I.2008 (mil US\$)	Part. Rel. (%)	I.2009 (mil US\$)	Part. Rel. (%)	Variação
1.	Estados Unidos	45.127	20,5	21.878	14,2	-51,5%
2.	Angola	7.341	3,3	16.728	10,9	127,9%
3.	Argentina	20.635	9,4	15.958	10,4	-22,7%
4.	Reino Unido	18.675	8,5	14.678	9,5	-21,4%
5.	França	19.730	9,0	14.268	9,3	-27,7%
6.	Alemanha	8.607	3,9	8.199	5,3	-4,7%
7.	Países Baixos	8.012	3,6	7.892	5,1	-1,5%
8.	Espanha	12.039	5,5	5.839	3,8	-51,5%
9.	Chile	10.763	4,9	4.648	3,0	-56,8%
10.	Cuba	3.035	1,4	4.192	2,7	38,1%
Subtotal		153.965	70,0	114.282	74,3	-25,8%
Outros		65.866	30,0	39.592	25,7	-39,9%
Total		219.831	100,0	153.874	100,0	-30,0%

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da Secex

Tabela 4 – Importações de móveis: principais países de origem em I.2008 e I.2009. Em US\$ mil e %.

Ranking	País	I.2008 (mil US\$)	Part. Rel. (%)	I.2009 (mil US\$)	Part. Rel. (%)	Variação
1.	Estados Unidos	32.625	32,9	29.223	38,0	-10,4%
2.	China	9.426	9,5	14.226	18,5	50,9%
3.	Alemanha	15.575	15,7	6.800	8,8	-56,3%
4.	Japão	6.785	6,8	5.341	6,9	-21,3%
5.	Itália	5.082	5,1	3.941	5,1	-22,4%
6.	França	7.817	7,9	3.212	4,2	-58,9%
7.	Polônia	3.617	3,7	1.842	2,4	-49,1%
8.	Taiwan (Formosa)	921	0,9	1.704	2,2	85,1%
9.	Argentina	1.513	1,5	1.482	1,9	-2,1%
10.	Hungria	3.054	3,1	1.202	1,6	-60,6%
Subtotal		86.414	87,2	68.973	89,7	-20,2%
Outros		12.667	12,8	7.939	10,3	-37,3%
Total		99.082	100,0	76.913	100,0	-22,4%

Os dados da tabela 3 permitem visualizar os impactos da crise considerando os vários mercados de destino das exportações brasileiras de móveis, ordenados segundo valores de 2009. Houve uma redução das vendas externas de móveis em quase todos os mercados (à exceção de Angola e Cuba). As maiores quedas neste primeiro trimestre de 2009, comparado com igual período em 2008, foram registradas no Chile, Estados Unidos e Espanha (superior a 50%). Também apresentaram reduções importantes os mercados da França, Argentina e Reino Unido (em torno de 20%), seguidos da Alemanha (4,7%) e Países Baixos (1,5%).

Neste início de ano, os EUA ainda é o maior importador dos móveis brasileiros, mas sua participação relativa no total das exportações caiu frente o aumento, principalmente, da participação de Angola (7,5 pontos percentuais). Ademais, os primeiros três meses de exportação para esse país, já representam 23% do total exportado em 2008, e na comparação entre os trimestres, houve um crescimento de 127,9%.

Do lado das importações, também houve queda em quase todos os mercados de origem (à exceção de Taiwan e China). As maiores reduções foram observadas para Hungria, França, Alemanha e Polônia (acima de 49%). Os países desenvolvidos, Japão e Itália, também apresentaram uma queda das suas exportações (em torno de 20%), seguidos pelos EUA (10,4%) e Argentina (2,1%).

A China segue como segundo maior mercado exportador para o Brasil, ampliando seu *market-share* em 9 pontos percentuais, comparativamente a 2008. Destacou-se também Taiwan, com um crescimento de suas exportações de 85,1%.

No geral, a queda das importações dos principais parceiros comerciais (20,2%) foi ligeiramente inferior à redução observada para as exportações (25,8%), indicando uma piora do saldo comercial.

III – Considerações Finais

Neste relatório foi apontada uma situação um pouco menos negativa na produção física e na geração de empregos neste primeiro trimestre de 2009, após forte retração observada a partir do último trimestre de 2008. Ainda assim, os resultados não demonstram uma reversão consistente da trajetória descendente no desempenho da indústria após os efeitos advindos da crise econômica. Não obstante os esforços do governo para estimular a economia, através das medidas de desoneração fiscal, e melhorar as condições de financiamento da economia, o setor ainda encontra dificuldades para ter acesso ao crédito. Além disso, não é possível falar em expectativas otimistas dos empresários do setor, pois o cenário ainda permanece obscuro.

Um importante aspecto diz respeito aos movimentos da taxa de câmbio, seja afetando as exportações através das mudanças na competitividade dos produtos no mercado externo, seja do lado das importações, tornando-as mais caras afetando o consumo de produtos estrangeiros e os custos com insumos importados.

Segundo projeções do Banco Mundial para 2009, as reduções no comércio mundial de bens e serviços serão mais acentuadas para os produtos manufaturados, conforme o que se observou para as exportações dos países de alta renda especializados na produção de bens de capital, o que está relacionado à redução dos gastos globais com investimentos. Os países de baixa e média renda devem acompanhar a desaceleração dos países de alta renda, não só por conta de um efeito direto de retração da demanda afetando o comércio exterior, mas também devido às dificuldades impostas pela crise sobre as condições de financiamento.

No caso específico do setor de móveis, a retomada deve ocorrer de maneira lenta, uma vez que a demanda externa não deve voltar a exercer efeitos positivos tão cedo sobre o setor. Por outro lado, a demanda interna vai depender em grande medida das condições de retorno do crédito e da volta da confiança dos consumidores para realizar gastos em produtos com um valor unitário em média maior do que outros bens de consumo leve, como têxteis e alimentos.

Finalmente, um fator que pode no médio prazo ajudar a impulsionar o setor é a implementação do programa “Minha Casa Minha Vida”, que com o estímulo à construção de habitações, pode exercer impactos positivos sobre o setor de mobiliário.

Referências Bibliográficas

- ARRUDA, G. **Desafios e Evolução. Indústria Brasileira do Mobiliário**. Curitiba, Ed. Alternativa, 1997.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DO MOBILIÁRIO (ABIMÓVEL). **Panorama da Indústria Brasileira de Móveis**. São Paulo, CEDOC-ABIMÓVEL, ago. 2006.
- BANCO MUNDIAL. **Perspectivas Econômicas Globais 2009**. Disponível em: <http://siteresources.worldbank.org/INTGEP2009/Resources/5530448-1238466339289/GEP_Update_BrazPort.pdf>. Acessado em: mai. 2009.
- CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS (CGEE). **Panorama Setorial do Estudo Prospectivo Setorial – Móveis**. Brasília, jan. 2008.
- CENTRO GESTOR DA INOVAÇÃO MOVELEIRO (CGI-MOVELEIRO). **Brasil Móveis 2007 – Relatório Setorial da Indústria de Móveis do Brasil**. Pordenone, MOVERGS/IEMI/Centro Gestor da Inovação Moveleiro/UCS/Centro de Formazione Pordenone, fev. 2008.
- COUTINHO, L.G. Estratégia empresarial e design. **Desenho Industrial FIESP**, São Paulo, n.15, p.1-6, jan. 1997.
- DA ROSA, S.E.S.; CORREA, A.R.; LEMOS, M.L.; BARROSO, D.V. **O setor de móveis na atualidade: uma análise preliminar**. BNDES, Rio de Janeiro, 2007.
- FARINA, E. Cadeia da indústria de madeira e móveis. In: UNICAMP. **Estudo da competitividade por cadeias produtivas**. Campinas: UNICAMP, 2003.
- FERREIRA, M. J. B. e GORAYEB, D. **Relatório de Acompanhamento Setorial: Indústria Moveleira. Volume I**. ABDI/NEIT/UNICAMP. 2008.
- HIRATUKA. **Relatório de Acompanhamento Setorial: Indústria Moveleira. Volume II**. ABDI/NEIT/UNICAMP. 2008.
- FERREIRA, M.J.B. **Indústria brasileira de móveis – Design como fator de competitividade na indústria moveleira**. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia. Convênio: SEBRAE/FINEP/ABIMÓVEL/FECAMP/UNICAMP/IE/NEIT. Campinas, ago. 1998.
- GEREMIA, F. **Dinâmica competitiva e processo de aprendizagem no arranjo produtivo local moveleiro da região oeste de Santa Catarina**. Dissertação de Mestrado em Economia na UFSC, 2004.
- GORINI, A.P.F. **Panorama do setor moveleiro no Brasil, com ênfase na competitividade externa a partir do desenvolvimento da cadeia industrial de produtos sólidos de madeira**. BNDES: Rio de Janeiro, 1998.
- HENKIN, H. **Cenário Moveleiro: Análise econômica e suporte para decisões empresariais**. Bento Gonçalves, MOVERGS/FINEP/CGI-Moveleiro, n. 2, 2008
- HIRATUKA, C. **Relatório de Acompanhamento Setorial: Indústria Moveleira**. ABDI/NEIT/UNICAMP. N.º 2, 2008.

IBGE. **Pesquisa Mensal de Comércio.** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impresao.php?id_noticia=1371>. Acessado em: mai. 2009.

RANGEL, A. de S. Competitividade da indústria de móveis de madeira. **Nota Técnica Setorial**, MCT, FINEP, PADCT, Campinas, 1993.

SOUZA, M.C.A.F. **Pequenas e Médias Empresas na Reestruturação Industrial.** Brasília: Ed. SEBRAE, 1995.

TIGRE, P.B. **Gestão da Inovação: A Economia da Tecnologia no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora Elsevier, 2006.



UNICAMP



Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial